

---

## Notas sobre o Boicote Académico, Cultural e Feminista

Shahd Wadi

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1880>

DOI: 10.4000/eces.1880

ISSN: 1647-0737

**Editora**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**Refêrencia eletrónica**

Shahd Wadi, « Notas sobre o Boicote Académico, Cultural e Feminista », *e-cadernos CES* [Online], 22 | 2014, posto online no dia 01 dezembro 2014, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1880>

---



## NOTAS SOBRE O BOICOTE ACADÉMICO, CULTURAL E FEMINISTA

SHAHD WADI

INVESTIGADORA INDEPENDENTE

Nós sabemos muito bem que a nossa liberdade é  
incompleta sem a liberdade para os palestinos.  
Nelson Mandela, 1997<sup>1</sup>

Nelson Mandela deixou-nos esta frase e a responsabilidade de torná-la numa ação. O mundo lutou contra o *apartheid* da África do Sul, e hoje a nossa liberdade será incompleta se não vencermos outras situações de discriminação, como o *apartheid* israelita na Palestina, utilizando a mesma desobediência cívica com o objetivo de responsabilizar Israel pelas continuadas violações do direito internacional e dos direitos humanos contra o povo palestino. A sociedade civil palestina, bem como numerosas organizações internacionais e algumas israelitas, defenderam que, perante a incompetência dos órgãos internacionais e a conivência dos governos ocidentais, apenas uma política e um plano internacional a longo prazo de pressão sobre Israel seria capaz de levar ao fim da ocupação, como bem observa o historiador israelita, Ilan Pappé:

Não há outro modo de travar Israel que não seja o boicote, o desinvestimento e as sanções. O único ponto fraco da máquina de matar são as suas linhas de oxigénio para a civilização “ocidental” e a opinião pública. Ainda é possível furá-las e pelo menos tornar mais difícil aos israelitas levarem a cabo a sua futura

---

<sup>1</sup> Discurso do Presidente Nelson Mandela no Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, Pretoria, 1997. Disponível em <http://www.anc.org.za/show.php?id=3384>. A tradução desta citação e de todas as citações para português é da responsabilidade das autoras.

estratégia de eliminar o povo palestino, através da limpeza étnica da Cisjordânia e um genocídio na Faixa de Gaza. (Pappe, 2007)

Existe assim, desde 2005, uma campanha internacional de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel,<sup>2</sup> iniciada em resposta ao apelo lançado pela sociedade civil palestina e coordenada pelo Comité Nacional BDS Palestino (BNC). Nesta altura, 170 instituições, partidos, associações de refugiados, sindicatos, associações feministas, entre outras, apelaram ao mundo para fazer parte do movimento BDS (BDS: 2005). Inspirada na campanha internacional que ajudou a derrotar o regime de *apartheid* na África do Sul, esta tem por objetivo isolar e pressionar Israel para que cumpra a lei internacional. A campanha tem quatro objetivos: acabar definitivamente com a ocupação e colonização dos territórios palestinos, desmantelar o Muro da separação racista, garantir direitos iguais para os palestinos dentro de Israel, e respeitar e proteger o direito do regresso dos refugiados palestinos.<sup>3</sup>

O **Boicote** aos produtos e as companhias israelitas ou internacionais cúmplices da ocupação, que beneficiam da miséria imposta por Israel aos palestinos, é um dos objetivos principais desta campanha. Os produtos israelitas em geral e sobretudo os produtos fabricados em colonatos têm sido amplamente boicotados. Por exemplo, em Portugal, a EPAL (Grupo Águas de Portugal) celebrou, em 2010, um acordo de cooperação com a companhia das águas israelita Mekorot. A Mekorot tem tido um papel fundamental na definição das políticas de usurpação e utilização das águas palestinas e tem sido a principal executora de tais políticas. Por isso, várias organizações portuguesas apelaram à EPAL para cancelar o acordo, lembrando-lhe que a ocupação da Palestina configura uma violação do direito internacional. Iniciou-se então uma campanha de pressão, com uma série de iniciativas, inclusive junto dos grupos parlamentares e do Governo português. Este último aprovou, no final de 2013, uma diretiva da União Europeia que proíbe o financiamento de empresas que desenvolvam atividades nos colonatos. A EPAL acabou por cessar o acordo sem anunciar os motivos.

O **Desinvestimento** e garantia de que os fundos de pensões não vão para Israel é outro objetivo da campanha. Por exemplo, o maior fundo de pensões holandês desistiu do investimento em quatro bancos israelitas devido ao papel destes na opressão dos palestinos, uma decisão para a qual contribuiu decisivamente a pressão de clientes holandeses. Também na Noruega, o Governo retirou os seus

<sup>2</sup> Para mais informações consultar <http://www.bdsmovement.net>.

<sup>3</sup> Para mais informações ver Barghouti (2011); Wiles (2013).

investimentos da sociedade militar israelita Elbit, da Africa Israel Investments e da Danya Cebus, por estarem implicadas na construção de colonatos.

As **Sanções** contra Israel são também um objetivo da campanha: não aceitar ter Israel como membro de vários organismos internacionais, especialmente europeus. O BDS também procura convencer os governos a tomarem medidas de pressão sobre Israel, como o embargo de armas e mesmo o corte de relações diplomáticas e a suspensão de acordos económicos bilaterais. Recentemente, durante o ataque contra Gaza, alguns países da América Latina cortaram relações económicas: El Salvador, o Chile, o Peru, o Brasil e o Equador mandaram regressar os embaixadores que estavam destacados em Israel, enquanto o Brasil, a Argentina, a Venezuela, o Uruguai e o Paraguai suspenderam as negociações do Acordo de Livre Comércio, exigindo um cessar-fogo imediato em Gaza.

Neste número de uma revista académica sobre mulheres palestinianas e cinema, justifica-se que falemos de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel, sobretudo porque o BDS é um assunto cultural, académico, mas também uma questão feminista.<sup>4</sup>

#### **BOICOTE ACADÉMICO, CULTURAL E FEMINISTA**

Existe uma campanha específica de Boicote Académico e Cultural.<sup>5</sup> Um dos seus alvos são as universidades israelitas, em virtude do envolvimento de muitas delas nas ações agressoras do estado de Israel, como a colaboração com o exército e o fomento do branqueamento da imagem de Israel, para além dos casos mais óbvios de universidades construídas em colonatos nos territórios ocupados. A Universidade Hebraica de Jerusalém, por exemplo, desenvolve parcerias com o Exército israelita e viola a lei internacional pelo facto de o dormitório do campus universitário estar situado em território ocupado em 1968. Além disso, o vice-presidente dos assuntos externos da Universidade, Carmi Gillon, foi o diretor dos Serviços de Segurança Geral, Shin Bet, instituição criticada pelas organizações dos direitos humanos por utilizar a tortura com os detidos palestinianos.

A campanha de Boicote Académico – que foi uma das entidades fundadoras do movimento BDS – emitiu a declaração de princípios em 2004. O apelo foi dirigido aos colegas na comunidade internacional para boicotar todas as instituições académicas e culturais israelitas. Durante os últimos anos, esta declaração foi recebida como apoio e foi endossada por varias instituições, académicos, estudantes e intelectuais na

<sup>4</sup> Sobre a causa palestiniana e o movimento BDS como questão feminista, aconselhamos a leitura dos seguintes textos: Bhandar, 2014; Lloyd, 2014.

<sup>5</sup> Para mais informações, veja Palestinian Campaign for the Academic and Cultural Boycott of Israel, em <http://www.pacbi.org/>.

Europa, nos Estados Unidos, na África do Sul, no Canadá, na Índia, no Paquistão, na Austrália, América Latina entre outros. Apenas a título de exemplo: em fevereiro de 2015, os estudantes e funcionários da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres (SOAS) votaram sim à campanha do BDS, ao mesmo tempo que 700 artistas britânicos aderiram ao movimento. São muitos aqueles que, do mundo acadêmico, aderiram ao boicote acadêmico contra Israel, incluindo acadêmicos judeus, como, por exemplo, Ilan Pappé, Judith Butler e Noam Chomsky. Em Portugal, a campanha BDS denunciou a cooperação de um projeto na Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra com ex-militares israelitas, através do projeto SAFIRE (Abordagem Científica à Luta contra o Extremismo Radical). O projeto é financiado através do programa de financiamento de pesquisa FP7.<sup>6</sup> Esta cooperação com a organização israelita International Security and Counter-Terrorism Academy – ISCA, um complexo militar-industrial israelita especializado em “antiterrorismo”, e no qual se situam alguns dos episódios mais sanguinários de Israel. O projeto conta com a colaboração de institutos como a Rand Corporation, que ajudou a promover a corrida às armas nucleares na década de 50 e forneceu estudos estratégicos para o Exército norte-americano durante a guerra do Vietnã. Este projeto foi considerado pela campanha BDS como colaboração com um Estado colonial (*Esquerda*: 2012; Jordão: 2012). A campanha apelou aos responsáveis para que abandonassem o projeto, sem sucesso.

A liberdade acadêmica não pode ser garantida para alguns e não para outros e o boicote acadêmico é um passo para esta liberdade. É também um diálogo, mas silencioso, entre os acadêmicos palestinos e os acadêmicos israelitas que apoiam a paz. Pois não poderá haver um diálogo direto entre os acadêmicos do opressor e do oprimido enquanto existir uma estrutura de dominação. Não existem “dois lados” para dialogar diretamente, nem um equilíbrio dos traumas, nunca poderá haver um diálogo entre o opressor e o oprimido, enquanto o último é oprimido; para que possa existir diálogo são necessárias duas partes. Forçar um diálogo direto não desafia a situação atual, ao contrário, contribui para a sua permanência, e esconde a realidade do *apartheid*.

Um diálogo direto entre palestinos e israelitas só pode ser construtivo, mesmo no caminho da paz, se estiver direcionado contra a ocupação e opressão. Os ativistas da paz em Israel que defendem os direitos dos palestinos, apoiam o BDS – sabem que ambas as partes vão beneficiar de uma campanha pacífica que tem como objetivo chegar a uma paz duradoura, baseada nos fundamentos universais de igualdade.

---

<sup>6</sup> Para mais informação sobre o projeto SAFIRE ver: <http://www.safire-project.eu/>

Como afirma o apelo ao Boicote académico, esta posição não é contra pessoas, mas contra o Estado de Israel; qualquer pessoa israelita que acredite na paz irá apoiar o BDS. Existem, aliás, organizações israelitas que apoiam o boicote contra Israel,<sup>7</sup> acreditando que é uma forma de promover a paz e uma democracia verdadeira na região contra o que consideram o *apartheid* de Israel.

Em 2005, Israel começou uma campanha, com a ajuda de uma empresa norte-americana de marketing, a que chamou “Brand Israel”. A campanha foi dirigida aos jovens entre os 18 e os 34 anos, com o objetivo de transmitir uma imagem de um Israel “moderno”, como parte da *hasbara* israelita. “Hasbara” é uma palavra hebraica que não tem tradução direta noutras línguas. Significando literalmente “explicação”, diz respeito àquilo a que se tem chamado “diplomacia pública”, ou seja, trata-se simplesmente de propaganda pró-Israel. Foram criados muitos programas como parte da *hasbara* israelita.<sup>8</sup>

Mais tarde, foram adicionadas ao plano desta campanha ações de aproveitamento da comunidade *gay* para mudar a imagem de Israel ao nível internacional (*The Jewish Daily Forward* apud Schulman, 2011), que procurava mudar a imagem de um país em conflito para a imagem de um país-oásis, refúgio de homossexuais.<sup>9</sup> Aeyal Gross, professor da Universidade de Telavive, argumenta que os direitos dos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) têm vindo a tornar-se uma ferramenta muito útil para as relações públicas de Israel. Segundo Gross, nesta campanha Israel é retratado como um país progressista “ocidental”, em oposição aos países islâmicos “retrógrados e homofóbicos”, uma estratégia para justificar a versão de Israel da “guerra contra o terror”, incluindo a ocupação e os ataques contra a população palestiniana. Ou seja, os direitos LGBT desempenham um papel na política internacional, projetando a ideia

<sup>7</sup> Veja-se, por exemplo, <http://boycottisrael.info/>.

<sup>8</sup> Como, por exemplo, <http://www.hasbarafellowships.org/>, um programa de treino intensivo nos Estados Unidos e em Israel, concebido para mudar a imagem de Israel. Destina-se a estudantes universitários e o seu objetivo é combater a “propaganda anti-israelita” e promover uma boa imagem de Israel. É significativo que este programa tenha sido estabelecido logo depois da segunda Intifada, quando os crimes cometidos por Israel foram exibidos perante todo o mundo. Outro exemplo é a publicação de um guia de *hasbara* para promover Israel nas universidades (*Hasbara Handbook: promoting Israel on Campus*), publicado pela União internacional de estudantes judeus. Encontra-se online: <http://www.middle-east-info.org/take/wujshasbara.pdf>. Um dos capítulos do livro tem como título: “Sete ferramentas básicas de propaganda”. Existe também uma organização que se empenha em preparar alunos e alunas para enfrentarem com êxito “ações anti-israelitas”. No site da organização – <http://www.bluestarpr.com> – encontram-se vídeos de propaganda.

<sup>9</sup> O ministério responsável pela *hasbara* publicou, por exemplo, um anúncio para “recrutar voluntários para realizar atividades de diplomacia pública no estrangeiro” (fora de Israel), afirmando que estava particularmente interessado em receber candidaturas de representantes da comunidade *gay*. O ministério não assina contrato com os voluntários, mas paga os custos sem considerar isso um “salário” e os contratos são assinados por outras partes autorizadas. Não são consideradas as pessoas que pertençam ou que tenham familiares que pertençam ao Knesset (o Parlamento israelita), a partidos políticos ou ao ministério. Ou seja, o ministério tenta esconder o facto de recrutar e pagar a pessoas da comunidade *gay*, especificamente para mudar a imagem de Israel, e transmitir a imagem de um Israel “gay friendly”. O anúncio encontra-se traduzido para inglês em: <http://electronicintifada.net/blog/asa-winstanley/new-pinkwashing-recruitment-campaign-israel-offers-free-travel-propaganda#.TtTL0fK5KvR>.

errada de Israel como Estado comprometido com a igualdade sexual, facto que é utilizado para justificar uma política de exclusão e opressão (*ibidem*).

Ligar o mundo árabe ao desrespeito pelos direitos dos LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, transgénero e *queer*) e das mulheres surge aqui como uma estratégia para ocultar as violações dos direitos humanos do povo palestino por parte de Israel, noção que assim projeta a imagem de um “Israel moderno”. Esta prática foi designada por alguns grupos *queer* como *pinkwashing* (branqueamento rosa).<sup>10</sup> Através do *pinkwashing*, Israel manipula e constrói uma imagem de Estado moderno e progressista e de um porto seguro para a comunidade LGBTQ, ao contrário da Palestina e do mundo árabe, um mundo alegadamente de “homofóbicos”, “bárbaros” e “repressivos”. Invocando a definição do humano, de Judith Butler (2004), esta estratégia transforma os ataques israelitas numa “guerra justificada” contra uma “cultura sanguinária”, uma representação que nega a humanidade de determinados tipos de seres “humanos”, atribuindo-lhes uma vida cujo fim não merece o luto.

Por isso, em 2010, várias organizações portuguesas – incluindo de direitos LGBT – denunciaram junto da direção do *Festival de Cinema Queer* de Lisboa, o apoio da embaixada de Israel. Ao mesmo tempo, o realizador canadiano John Greyson retirou o seu filme da programação como forma de protestar contra este apoio. Estas iniciativas acabaram por resultar: no ano seguinte, o festival *Queer Lisboa* excluiu este apoio, apesar de o ter aceite nos anos anteriores.

O movimento de Boicote Académico e Cultural apelou, nos últimos anos, a todas as instituições, académicos e pessoas ligadas à cultura, inclusive no setor do cinema, em todo o mundo e a todas as pessoas que acreditam nos valores humanos justos, sempre que possível e pertinente, fomentem o cancelamento de eventos, atividades, acordos ou projetos que envolvam o Estado de Israel, os seus grupos de *lobby* ou as suas instituições culturais, ou quem quer que promova a normalização de relações com Israel na esfera cultural global, branqueie as violações dos direitos do povo palestino de Israel, ou viole as diretrizes da BDS.

Como bem notam as associações feministas e *queer* palestinianas, a ocupação israelita não só atinge todas as pessoas palestinianas, como também cimenta estruturas patriarcais dentro da própria sociedade palestiniana. Continuamos a assistir a um processo de limpeza étnica da população palestiniana através da ocupação militar, da discriminação racial e da construção maciça de colonatos. Gaza e a Cisjordânia são o palco de uma crise humanitária provocada pelos repetidos bombardeamentos e pelo bloqueio contínuo. Por isso, a campanha de BDS apela à

<sup>10</sup> Para mais informações sobre o *pinkwashing* veja-se: <http://www.pinkwatchingisrael.com/>.



desobediência cívica, a que passemos da discussão da questão palestina à “ação palestina”. Um pedido para que, do ler, se passe ao decidir e reagir.

## SHAHD WADI

Palestina, entre outras possibilidades, mas a liberdade é sobretudo palestina. Procura as suas resistências através dos feminismos palestinos dos corpos ocupados, exercidas, por exemplo, através do doutoramento que obteve recentemente em Estudos Feministas, pela Universidade de Coimbra. A sua tese, intitulada “Corpos na trilha: Histórias-artísticas-de-vida de mulheres palestinas no exílio” aborda as narrativas artísticas no contexto da ocupação israelita da Palestina. Na sua investigação considera as artes um testemunho de vida. E também da sua.

Contacto: wadishahd@gmail.com

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barghouti, Omar (2011), *Boycott, Divestment, Sanctions: The Global Struggle for Palestinian Rights*. Chicago: Haymarketbooks.
- BDS Movement (2005), “Palestinian Civil Society Calls for Boycott, Divestment and Sanctions against Israel Until it Complies with International Law and Universal Principles of Human Rights”, in *BDS Movement*, 09.07.2005. Consultado a 31.05.2015, em <http://www.bdsmovement.net/call>.
- Bhandar, Brenna (2014), “Some Reflections on BDS and Feminist Political Solidarity”, *feminists@law*, 4(1). Consultado a 31.05.2015, em <http://journals.kent.ac.uk/index.php/feministsatlaw/article/view/110>.
- Butler, Judith (2004), *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. London & New York: Verso Books.
- Esquerda (2012), “Universidade de Coimbra é parceira de ‘academia anti-terrorista’ israelita”, *Esquerda.net*, 05 de março. Consultado a 31.05.2015, em <http://www.esquerda.net/artigo/universidade-de-coimbra-%C3%A9-parceira-de-academia-anti-terrorista-israelita/22175>.
- Jordão, João (2012), “A Cumplicidade da Universidade de Coimbra com a ressurgência do autoritarismo em Portugal”, *Blog Casa das Aranhas*, 22.01.2012. Consultado a 31.05.2015, em <https://casadasaranhas.wordpress.com/2012/01/22/a-ressurgencia-do-autoritarismo-em-portugal/>.
- Lloyd, David (2014), “It Is Our Belief That Palestine is a Feminist Issue...”, *feminists@law*, 4(1), Consultado a 31.05.2015, em <http://journals.kent.ac.uk/index.php/feministsatlaw/article/view/107>.
- Mandela, Nelson (1997), “Address by President Nelson Mandela at the International Day of Solidarity with the Palestinian People”, in *African National Congress*. South Africa’s



National Liberation Movement. Consultado a 31.05.2015, em <http://www.anc.org.za/show.php?id=3384>.

Palestinian Campaign for the Academic and Cultural Boycott of Israel, consultado a 27.03.2014, em <http://www.pacbi.org/>.

Pappe, Ilan (2007), "Palestine 2007: Genocide in Gaza, Ethnic Cleansing in the West Bank", *The Electronic Intifada*, 11 de janeiro, Consultado a 27.03.2014, em <http://electronicintifada.net/content/palestine-2007-genocide-gaza-ethnic-cleansing-west-bank/6673>.

Schulman, Sarah (2011), "A Documentary Guide to 'Brand Israel' and the Art of Pinkwashing", *Mondoweiss*, 30 de novembro. Consultado a 01.07.2013, em <http://mondoweiss.net/2011/11/a-documentary-guide-to-brand-israel-and-the-art-of-pinkwashing.html>.

Wiles, Rich (2013), *Generation Palestine: Voices from the Boycott, Divestment and Sanctions Movement*. London: Pluto Press.